



UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES

GABARITO

Nome: \_\_\_\_\_

NOTURNO

Curso: \_\_\_\_\_

Matrícula: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

PROVA TIPO 4

Sala: \_\_\_\_\_

LIVRO: O INFERNO SOMOS NÓS (Leandro Karnal e Monja Coen)

**ATENÇÃO!!!! MARQUE O TIPO DE PROVA NO CARTÃO!!!!**

1. Do ponto de vista etimológico, a palavra “cultura” tem sua origem em “cultivo”. É cultural tudo aquilo que um povo cultiva, cuida, honra. Uma das definições do termo é “conjunto dos valores intelectuais e morais, das tradições e costumes de um povo, nação, lugar ou período específico” (AULETE, 2019).

Sendo assim, pode-se falar em “cultura de ódio” e “cultura de paz”. Sobre tais expressões, NÃO É VIÁVEL afirmar que:

- a) Segundo Coen, há uma inversão de valores por meio da qual cultivamos, evidenciamos as violências ao passo que ignoramos os afetos;
- b) Karnal defende que é importante pensar positivo porque hoje desenvolvemos ferramentas de paz muito mais eficientes do que no passado, o que faz com que a violência tenda a sucumbir;
- c) O historiador acredita que o individualismo foi evidenciado a partir da visibilidade da internet;
- d) Os autores concordam que há um propósito no medo imposto pelas mídias e que isso está relacionado à forma como reagimos à ameaça;
- e) A Monja postula que, para uma sociedade sã, é necessário cultivar o não medo, a libertação.

**GABARITO:** B. Primeiramente, ressalte-se que a questão busca a alternativa INVIÁVEL. A assertiva A é incorreta, uma vez que a Monja defende tal ideia entre as páginas 09 e 10. A assertiva C também é incorreta, dado que Karnal defende, de fato, que o individualismo (exacerbação do eu) foi evidenciado a partir da visibilidade da internet entre as páginas 11 e 12. A assertiva D está incorreta porque os autores falam, de forma uníssona, sobre o medo como reação à ameaça na página 14. A assertiva E é errada, posto que nas páginas 14 a 17 a Monja Coen, efetivamente, afirma a necessidade de cultivar o não medo para uma cultura de paz. Por fim, a alternativa B é o gabarito, tendo em vista que NÃO É VIÁVEL afirmar que Karnal defenda ser importante “pensar positivo”. O autor pontua vários argumentos que inviabilizam tal afirmativa, mais ainda o fato de que “a violência tenda a sucumbir”, como a seguir: “Eu diria até que, hoje, nós nos chocamos um pouco mais com massacres e genocídios, apesar de termos números maiores do que no passado – não só porque temos mais gente no mundo, mas porque nós temos métodos mais eficazes de morte” (p. 11); “Mas agora esse eu não tem mais limites” (p. 12), “Emerge também uma violência escolar sem precedentes que nos acompanha até hoje” (p. 24).

2. Segundo Karnal, a construção de uma cultura de paz está relacionada ao enaltecimento da alteridade. O autor descreve uma cena em que viu o pontífice e desejou poder delegar a violência a terceiros. Nesse momento do diálogo, a Monja Coen fala de um “euzinho”. Sobre esse argumento, É VIÁVEL afirmar que:

- a) O “euzinho” diz respeito àquele que está sempre preocupado em satisfazer os outros, é altruísta por natureza;
- b) O “euzinho” descreve bem a pessoa cuja maior característica é a resiliência;
- c) O “euzinho” é marcado pela inveja e pela mesquinhez;
- d) O “euzinho” é o recurso utilizado por Coen para descrever pessoas sem amor próprio;

e) O “euzinho” é aquele que por não ter saído do casulo, não tem noção do todo e só percebe a própria necessidade.

**GABARITO: E.** A figura do “euzinho” é descrita por Monja Coen entre as páginas 82 e 83 da obra: “Aqueles que incomodam o outro não percebem o todo. Estão tão fechados em si mesmos que não percebem mais nada. É o eu pequeno – o *euzinho*”. Sendo assim, o “euzinho” é aquele que “está fechado em si mesmo, são pessoas que não saíram do casulo”. A opção A descreve uma figura completamente diferente: o que é altruísta. A alternativa B fala em resiliência, o que não é característica do “euzinho”. A letra C, embora apresente características negativas, fala em “inveja”, não necessariamente o “euzinho” age por inveja, mas por falta de percepção de sua não centralidade. A alternativa D peca por descrever o “euzinho” como “pessoas sem amor próprio”, o que não condiz com a argumentação da Monja.

3. Ao dissertarem sobre o Medo, Monja Coen e Leandro Karnal tecem reflexões importantes, tais como “A quem interessa manter a população acuada? A quem interessa uma sociedade que pensa ‘o outro é perigoso, arme-se’.”

São assertivas que embasam essa discussão, EXCETO:

- a) o medo é a melhor forma de controlar as pessoas;
- b) o medo está na base de quase todos os grandes preconceitos e ódios;
- c) nós nos deixamos aprisionar por medo, por conveniência;
- d) o medo é precioso quando serve para nos proteger;
- e) o medo é a base para uma cultura de paz.

**Gabarito: E.** Segundo Karnal, o NÃO MEDO é a base para uma cultura de paz (página 21). Durante o livro, os autores defendem a relação entre medo, controle, aprisionamento e cultura de ódio, enquanto a cultura de paz estaria relacionada à liberdade e cooperação.

4. O livro “O inferno somos nós: do ódio à cultura de paz” traz um bate-papo singular e aprazível entre o historiador Leandro Karnal e a fundadora da Comunidade Zen-budista do Brasil, Monja Coen, sobre a promoção da cultura de paz no momento atual. Levando em conta a opinião dos autores a respeito de como sair de um cenário de violência e construir uma cultura de paz, avalie as afirmativas a seguir:

I. “[...] temos que colocar em contato pessoas que são de níveis sociais diferentes, para que possam estudar e brincar juntas, questionar-se juntas sobre soluções, tanto para suas áreas específicas quanto para as áreas coletivas” (Monja Coen).

II. “[...] Acredito que uma cultura de paz verdadeira seja justamente fazer perguntas, questionar-se, ouvir pensadores como vocês [Karnal, Cortella, Pondé e Clóvis], que têm a capacidade de mostrar um leque tão grande de história, da humanidade e do pensamento humano [...]” (Monja Coen).

III. “[...] a cultura de paz não pressupõe limites e regras” (Leandro Karnal).

IV. “Acho que uma parte importante dessa cultura de paz passa pela questão da percepção da nossa não centralidade” (Leandro Karnal).

É DEFENDIDO pelos autores apenas o que se afirma em:

- a) I
- b) II

- c) II e IV
- d) I, II e III
- e) I, II e IV

**GABARITO:**E. As assertivas I, II e IV são corretas. A assertiva I é comentada por Coen na página 64. A assertiva II está presente no capítulo “Respeito e autoconhecimento”, nas páginas 76 e 77. Já a assertiva III está incorreta, pois, no capítulo “Coerção e consenso” os autores concordam que, em nossa sociedade, ainda precisamos ter alguém que faça o trabalho de coerção com o intuito de garantir cultura de paz, educação, boas escolas, entre outros. Durante o capítulo, Karnal afirma que “Estamos dizendo aqui que a cultura de paz também pressupõe limites e implica regras” (p. 92). A assertiva IV é comentada por Karnal no capítulo “Foco e resiliência”, na página 82.

5. Para Leandro Karnal, em “O inferno somos nós”:

“Tolerância é um dos eixos de uma cultura de paz. Infelizmente, nas línguas ocidentais, é uma palavra com significado ruim, negativo. ‘Tolerar’ é sofrer resignadamente. Nós dizemos hoje, especialmente em educação para os direitos humanos, que existe a intolerância prevista e punida na lei e condenada pela ética. Mas existe uma forma intermediária, que é a intolerância passiva, por exemplo, quando alguém diz ‘Não tenho nada contra homossexuais desde que não se sentem ao meu lado’ [...]”.

De acordo com o historiador, quando falamos em tolerância ativa, dizemos de uma capacidade de afirmar que:

- a) felizmente o outro é distinto de mim, e isso me torna melhor porque diversifica, me desafia e impulsiona.
- b) é preciso entender a importância de pensarmos igual.
- c) a diferença é negativa, mexe com o meu eu e o traz à tona.
- d) é impossível compreender e respeitar o outro.
- e) a intolerância é o exercício de entender a forma de pensar do outro.

**GABARITO:** A. No capítulo “Tolerância e limite”, Karnal inicia sua fala comentando sobre os vários significados da palavra “tolerância”. Na página 45, afirma que “felizmente o outro é distinto de mim, e isso me torna melhor porque diversifica, me desafia e impulsiona”, o que torna a alternativa A o gabarito. Na mesma página, o autor comenta que a diferença é algo positivo, uma vez que mexe com o eu de cada um, trazendo-o à tona. Para Karnal, a tolerância é o exercício de entender que o que o outro pensa é apenas uma outra forma de pensar.

6. Leia o texto a seguir:

Crise? Que Crise?

Ouvi falar dela, mas resolvemos não participar!

Essa é uma frase atribuída a Sam Walton, fundador do Walmart, quando indagado por repórteres sobre como reagiria a uma crise econômica que naquela ocasião afetava os Estados Unidos.

São frases de mudança de atitude como essa que precisam ser usadas para incentivar uma equipe que se encontra abalada pela crise ou por qualquer outra situação difícil.

Reclamar e resmungar não leva a nada, só atrai pensamentos negativos e uma postura de conformismo.

É preciso reagir e promover a mudança de comportamento, com firmeza.

SILVA, Douglas. **20 frases de mudança de atitude para dar um gás em qualquer time.** Disponível em: <<https://www.agendor.com.br/blog/frases-de-mudanca-de-atitude/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Mudança. Construir uma sociedade de paz demanda mudança. Chico Buarque, músico e compositor brasileiro, diz que: “as pessoas têm medo das mudanças, eu tenho medo que as coisas nunca mudem”. Por sua vez, o médico psiquiatra Sigmund Freud afirmava que “a mudança acontece quando a dor de mudar é menor do que a dor de permanecer o mesmo”. Já o criador da Teoria da Evolução das Espécies, Charles Darwin, defendia que “as espécies que sobrevivem não são as mais fortes, nem as mais inteligentes, e sim aquelas que se adaptam melhor às mudanças”.

Em “O inferno somos nós”, Karnal assevera que “a cultura de paz já está na maioria dos textos; ela ainda não está é na maioria dos corações”. Explique por que, na visão do autor, as leis consagram uma sociedade ideal e não a real, abordando em sua resposta a necessidade de mudança social.

#### **GABARITO:**

Como historiador, Karnal considera que a transformação humana é lenta. No entanto, julga que “em termos de legislação, discurso público e avanço jurídico, vivemos uma era de ouro na luta contra a intolerância” (2018, p. 57). O professor acredita que, como sociedade, já criamos diversos instrumentos legais para combater a intolerância, como a Lei Maria da Penha, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto do Idoso, a Constituição de 1988, entre outros. Todavia, vivemos o paradoxo de constantes assédios, racismos etc. Nesse sentido, as leis miram a construção da sociedade que se quer, e não aquela que efetivamente se tem, sendo necessária a mudança, e na história a mudança só ocorre em tempo histórico (que é diferente do tempo cronológico).

7. Monja Coen, na obra em estudo, afirma que, certa vez, em um canal de televisão educativa, ouviu vários professores falando sobre a educação proibida: “Explicavam que o nosso sistema educacional havia sido criado na Prússia e estava ligado ao exército, por isso ensinamos crianças, desde a infância, a competir pela nota, pela posição na sala em vez de colaborar com os outros”. Para os autores, o que seria necessário modificar no nosso sistema escolar para que cheguemos mais próximos a uma cultura de paz?

#### **GABARITO:**

Nesta questão, caberia ao aluno comentar sobre alguns caminhos apresentados na obra para que possamos chegar a uma cultura de paz a partir de mudanças no sistema escolar brasileiro. Para isso, poderia utilizar citações dos autores. Na página 23, Monja Coen declara que, “[...] quando falamos da cultura de violência e do medo, ela está também envolvida na questão da didática atual, nos métodos pedagógicos, na maneira como o sistema educacional está sendo mantido”. Coen sugere que poderemos chegar mais próximos a uma cultura de paz a partir do trabalho de “[...] educadores capazes de provocar o interesse pela pesquisa, pelo estudo, pelo desenvolvimento físico-motor, intelectual, cognitivo” (p. 24). Há outros caminhos de resposta, CONTANTO QUE se utilize, de forma coerente, o enunciado da questão em articulação com a obra de Karnal e Coen (2018).